



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Filhos ilegítimos

Alguém que tem seguido o nosso interesse («justificadíssimo») por este palpitante assunto, informou-nos do «modus faciendi das averiguações officiosas (portanto, obrigatórias) de paternidade ilegítima», segundo o novo Código Civil.

Porque o tema tem larga audiência entre os nossos leitores, como temos verificado muitas vezes, nomeadamente quando nos debruçamos ao longo de meses sobre o ante-projecto do Código ora em vigor, atrevemo-nos a registar nestas colunas, os passos destas diligências de reposição da verdade no seu lugar.

«1. Imediatamente após o assento de nascimento, o Registo Civil remete ao Tribunal Tutelar de Menores (fora de Lisboa, Porto e Coimbra este Tribunal funciona no Tribunal comum), certidão do respectivo registo.

2. O Curador de Menores ouve a mãe que diz quem é o pai, além de indicar elementos julgados essenciais à prova das suas afirmações (para o caso de virem a ser necessários).

3. É ouvido o pai.

a) Se reconhece a paternidade e deseja fazer a perfilhação (ficando, deste modo, com todas as responsabilidades inerentes a esta), a ela se procede imediatamente, em simples

termo, remetendo-se certidão desta à Conservatória.

b) Caso negue a paternidade, fundamenta a sua negativa e a averiguação prossegue com a audição de testemunhas, apreciação de cartas de namoro, por vezes exame de sangue, etc. (Estes processos são secretos e neles não podem intervir advogados).

4. a) Se a prova obtida é convincente, o processo vai para o Tribunal comum onde o Ministério Público propõe a acção de investigação de paternidade ilegítima, com base nas provas da averiguação officiosa.

b) O réu é então citado para os termos da acção.

Cont. na QUARTA página

AQUI, LISBOA!

A ausência ou a falta dos pais é lacuna que dificilmente se pode preencher na vida dos homens, sobretudo nos seus primeiros anos de existência. De qualquer modo, porém, não basta ter-se gerado e viver lado a lado com os filhos para realizar plenamente a inerente função de educador. A ignorância, o desinteresse, o egoísmo, entre outros, são factores limitantes duma equilibrada actuação, com consequências desastrosas na saúde física e psíquica, logo no comportamento e na personalidade dos futuros adultos. Não basta fazer o bem, é preciso fazê-lo bem feito. Daí a necessidade duma compreensão dos problemas postos pela paternidade e da visão recta das condutas a escolher na actuação concreta do dia a dia. A criação de escolas de pais, os cursos para noivos, a troca de impressões com pessoas qualificadas, o estudo individual nos casais ou em pequenos grupos, a observação atenta de cada caso, permitirão vincar muitos obstáculos, sobretudo se há bom senso e o sentido do dever não está obliterado.

Cont. na QUARTA página



«O Trabalho nas nossas Casas é estruturalmente familiar: brio, interesse, amor» — disse Pai Américo. E a prova está aqui, nos mais pequeninos: João II, Toninho e Salazar.

Lourenço Marques

Há muito que se fala na urbanização do Caniço. Desde os tempos em que criminosamente foram desviadas vultuosas somas, oferecidas para o alojamento dos habitantes das lagoas, como é voz corrente, o problema tomou o carácter social de assunto de prateleira.

O anunciado Gabinete de Urbanização para a zona de Lourenço Marques, veio arejá-lo e por isso dia após dia desaparecem barracas dum lado para aparecerem noutros, não se sabe bem porquê. Fica apenas arame farpado a limitar o capim, onde dantes era chão limpo, coberto pela esteira de dormir, endurecido pelo peso dos corpos possantes, mas

cansados do trabalho oferecido à sociedade que os rodeia.

Alguém, certamente com maiores posses e prevendo incómodos a curto prazo, transporta as paredes de caniço e o telhado de zinco da zona a nível do Kilómetro zero para o dez ou quinze, sentindo-se mais seguro, conquanto não saiba até quando. Os outros, a maior parte, persiste em ocupar uma terra que não é sua, quais crianças invejosas e cheias de teimosia que não largam da mão o brinquedo que lhes não pertence.

Há muito que se fala na urbanização do Caniço. Melhor seria dizer humanização. Os problemas da prancheta não

são os mais intrincados: já se sabe que uma régua é direita, mas não os terrenos em sobe e desce, porque favorecem a paisagística; nem os interesses deste ou daquele, pois os vê aumentados com a valorização do que fica.

Os problemas humanos a equacionar são os maiores e menos atingíveis na sua extensão e profundidade. Misturar ou segregar, rarefazer ou aglomerar, implantar ou transplantar, trabalho limpo e profundo ou obra de fachada para inglês ver? Estruturas sociais construídas sobre a justiça, enquadrando homens na sociedade moderna e plurirracial que pretendemos e neces-

sitamos, ou abandono a tradicionalismos tribais? Bairros residenciais fora do alcatrão para as classes com acesso mais fácil aos meios de transporte, ou para aqueles que sempre andam a pé? Se quem comprou terreno é dono, porquê quem sempre o ocupou é parásita?

Os problemas humanos, tantos que ainda poderíamos enumerar, são os mais difíceis. Mas é a hora de surgir do sono. De os tirar da prateleira. «A habitação condiciona o viver. Não é apenas o lugar onde se vive e se morre, mas acima de tudo o lar, a base material e moral da instituição familiar em cuja estabilidade reside a estabilidade da própria Nação».

Que Deus ilumine os responsáveis por esta hora.

Padre José Maria

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Pela primeira vez me atrevo a escrever estas poucas linhas para o nosso Famoso.

Resolvi, desta forma, contar-vos algo, do que se vai passando cá por Casa.

Somos uma família numerosa e unida, onde todos vivemos os problemas uns dos outros.

É certo, que os mais pequenitos, ainda não compreendem as dificuldades que por vezes passamos, mas preocupam-se em terem sempre a casa limpa para receber todos quantos desejarem conhecer a nossa Obra.

Os mais velhos, cada qual escolheu o ofício que mais gostou e se abraçou a ele para o desempenhar da melhor maneira. Cá em Casa ninguém passa as horas ociosas, pois todos têm ocupação. Dá gosto viver neste ambiente familiar.

Vivemos alegres por ver que a população de Benguela e arredores nos acolhe com carinho, e procura ajudar-nos na medida do possível.

A nossa Casa está a crescer de dia para dia. Estamos a construir uma casa para habitação, visto sermos muitos, pois devemos andar à volta de 130 Rapazes, que fomos tirados do lixo para onde infelizmente fomos jogados por quem não tem escrúpulos nem coração.

Mas custa-nos muito quando deixamos de ouvir as melodias traduzidas pelos martelos dos nossos pedreiros, e ficamos à espera que retomem a sua música. Mas dá-se o caso que o material que nos é necessário, como tijolo e o cimento que são as bases principais para prosseguir a melodia, nos falta.

E ficamos tristes quando vemos o nosso Pai, ou seja, o Senhor Padre Manuel, preocupado e aflito com a falta de material.

Aqui lanço um apelo a todos os nossos amigos e leitores que queiram ajudar-nos pois entre todos, um tijolo não custa nada, e ajudam a construir uma Obra que é de todos nós, pois todos nós pisamos a rua onde fomos tirados e havemos de tirar todos aqueles que nos for possível para lhes darmos um lar e uma família.

Festas — Já se começou com os preparativos para as nossas Festas. Todos querem entrar e participar dela mais activamente, mostrando assim as qualidades artísticas que possuem e escondem.

Os ensaios começaram e quem está à frente destes difíceis trabalhos, como é ensaiar e tratar do guarda-roupa, é o Américo, já bastante conhecido, tanto na Metrópole, como em Angola, onde já estiveram presentes os Gaiatos do Pai Américo.

Todos se esforçam para que tudo corra bem para podermos ir ao encontro de todos aqueles que quiserem passar algumas horas alegres e unidos em família, junto a nós, Gaiatos.

Fernando B. Martins

TOJAL

Ericeira — Este ano a nossa Colónia de S. Julião abriu mais cedo do que nos anos anteriores. Deste modo teremos um Verão mais bem aproveitado. Até aqui, a nossa casa da Ericeira funcionava a partir de Julho. Perdíamos assim o mês de Junho com o seu belo sol que este ano nos pregou uma grande partida. Os primeiros dias de praia não foram muito felizes devido à chuva e à falta de sol que este ano

-iam grande jeito devido à grande falta que temos deles. Como disse nessa crónica, a compra desses copos tornar-se-á muito dispendiosa e será mais um encargo entre tantos que já temos para o melhoramento das condições da nossa Casa.

Nova Aldeia — Os acabamentos da Casa-mãe estão prestes a terminar. Praticamente, faltam só os do primeiro piso e os anexos. A falta de meios obrigou-nos a dispor de pouco pessoal, motivo este que foi a causa da lentidão em que se processou a reconstrução do edifício não esquecendo, todavia, que uma reconstrução leva mais tempo que uma construção por inteiro. Esperamos que dentro de poucos meses possamos proceder à inauguração da casa mais importante da Nova Aldeia.

Convite — Toda a gente sabe, pelo menos os que conhecem as Casas do Gaiato, que temos a porta aberta a todos os que nos queiram visitar. Talvez seja por isso que

Paço de Sousa

Agradecemos os jogos e as revistas que tão bem são saboreadas pelos que sabem ler e mesmo os que não sabem gastam o tempo apreciando as gravuras.

Vieram jogos novos, mas outros já muito, muito inutilizados!

Estou a escrever no meu quarto e à minha beira está o Zé, mais conhecido por «Galego». É o mais pequenino. E faz cá um barulho que nem imaginam! São as revistas; claro está, as figuras, pois não sabe ler... Nos olhos dele só há alegria. E ao mesmo tempo parece que pelo meio desta alegria e da sua inocência, está a agradecer aos leitores amigos.

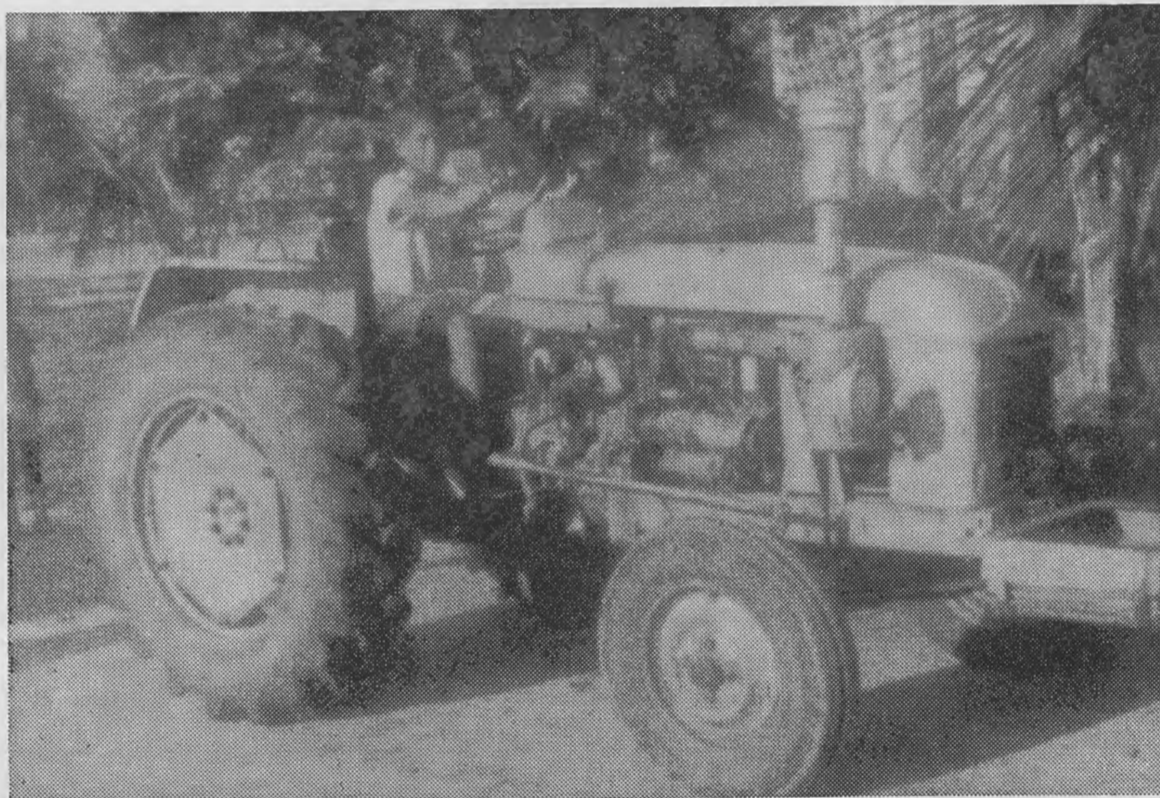
Fruta — Temos fruta suficiente para comermos de vez em quando. Se comêssemos todos os dias ia num instante. Mas há sempre fruta para saborear. E ainda não se colheu toda. Daqui a 2 anos temos

mos em excursões de Oliveira do Douro e Cantanhede. Trouxeram a certeza de que não vinham à procura dum Portugal desconhecido, turisticamente falando, mas ao encontro de seres sofreadores, muitos dos quais arredados do meio dos homens egoístas. Não temos receio de afirmar que, embora alguns visitem centros atraídos pela publicidade, e antes desconhecidos, os que nos querem visitar não soltam exclamações de espanto quando vêem estes seres a viver, e não a vegetar, aguardando com certo avontade a Chamada Final.

Atendem nisto todos quantos nos visitam ou pretendem visitar-nos... pois não é ficção! «Ainda nos consideramos infelizes...» tantas são as vezes que ouvimos esta e frases semelhantes. Isto aqui é uma forma de vida que até os homens bem intencionados não estão habituados a ver! Nem de ânimo leve... em certa medida se consegue entender. Bem andam todos os que têm procurado compreender, vindo em pequenos grupos. É uma forma mais prática de se irem inteirando de uma maneira mais eficaz, nestas e noutras realidades, que não ousamos dizer, para não deturpar ou profanar.

Embora tudo fosse simples em palavras ou gestos, nas aludidas excursões, não foram os olhos que «viram». Recordo aqui umas frases ditas por um dos Padres da Obra, ao aconselhar um dos nossos rapazes que vinha com ele e era portador dum rádio portátil: «apaga o rádio porque assim é mais fácil «veres», em silêncio, tudo isto!» Ora aqui têm uma verdade que deverá ser norma. E nada mais!...

Manuel Simões



BENGUELA: — Rosário nos seus 14 anos, e o tractor.

fizeram o verão começar mais tarde, justamente, quando para nós iria começar mais cedo.

Pedidos — Temos grande predominância de fatos de banho do tempo da «Maria cachucha» que se vão tornando ridículos nos corpos dos nossos rapazes. Queria aqui pedir aos leitores, que tenham alguns mais modernos a mais em casa, que os mandassem para cá.

Na última crónica, se não estou em erro, fiz aqui um pedido sobre uns copos de vidro, para a nova Casa-mãe. Ainda ninguém se pronunciou sobre o assunto. Volto a pedir a quem os tiver em casa em excesso ou conheça alguém que possa dispor de alguns. Far-nos-

nunca ou poucas vezes se tenha feito convites nesta coluna. Resolvi hoje lembrar alguns e informar outros que podem vir nos vossos tempos livres ao Tojal. Como é natural, o Domingo tem sido o dia em que temos mais visitas. Poucos nos visitam à semana, justamente quando se pode apreciar toda a orgânica das Casas do Gaiato. Os trabalhos oficiais, domésticos e agrícolas podem ser apreciados sem restrições. Todas as divisões da Casa podem ser visitadas. Em nossa Casa não há «Entrada proibida a pessoas estranhas ao serviço». Para nós, ninguém é estranho ao serviço. Toda a gente faz parte dele.

Mário Fernando

o novo pomar. Quem já cá veio, conhece de certeza o campo à beira do campo da bola. É aí. Este ano já tem alguma fruta, e as árvores foram plantadas o ano passado. Por isso está a querer andar depressa! E quanto mais depressa andar, mais fruta teremos para nos deliciarmos.

Manuel dos Santos

CALVÁRIO

Visitas — Para quem se lembra de marcar no itinerário este recanto da Obra da Rua, nem sempre é com o espírito devidamente preparado para que a sua visita frutifique. Porque quando tal acontece há razão para ficarmos convencidos de que não foi em vão o tempo e dinheiro dispendidos. E a prova de que isto é uma realidade, comprová-

Actualmente dispomos dos seguintes volumes:

- **Pão dos Pobres**
II e III vol.
- **Obra da Rua**
Advertência de Pai Américo:
«Trata-se do relatório de uma vida inteira dedicada ao Pequenino de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social, com suas muitas e variadas constelações.
«É a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte das chusmas infantis... os dados à moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade... — prólogo dos grandes crimes. Eles, património da Nação, os predilectos de Jesus, que se morressem naquela idade iriam vestidos de branco com sinos a repicar.»
- **Ovo de Colombo**
- **Porta Aberta**

Pedidos à Editorial da Casa do Galato — Paço de Sousa.



Visado pela
Comissão de Censura

O cuidado dispensado pelos nossos amigos à Campanha, é simplesmente admirável! Dispõem-se livremente ao trabalho. E de quantos — em seu entender — podem ser tocados, aceitam as naturais ressonâncias, concordes ou discordes.

Repetimos — com as mãos ambas — os nossos parabéns. E felicitações amigas.

Na verdade, não nos preocupamos demasiadamente com o número, os números. Sim, pela convicção e anuência séria de cada um dos novos leitores. Interessa, por respeito à liberdade de cada um; e como razão de ser do «Famoso», que procura ser — e tem sido ao longo da sua história — um bordão para os homens de boa vontade; e mais restritamente um lugar onde se respire a vida, concretamente, a Mensagem do Senhor Jesus, sem pieguices, sem exageros, sem triunfalismo — com humildade. E com a certeza da limitação de cada um dos seus operários, que afinal somos todos — leitores e escrevinhadores assíduos. Ainda se não apregoava a era do diálogo... e já o «Famoso» operava e dialogava seriamente — a chorar de bebé!

● ESTES ESTÃO JÁ «VACINADOS»

A cabeça, vai uma carta de Tortozendo. Trabalho perfeito! Ora vejam:

«Junto um vale de correio de 200\$00 para pagamento das (4) assinaturas novas...

«Peço enviem já a cada um o último número publicado.

«Estes estão já «vacinados» porque cada quinzena entreguei o meu Jornal a um deles e colhi em troca as suas assinaturas.

«Procurarei continuar.

«Creiam-me amigo e obrigado...»

Como o «Famoso» é voz de Esperança, num mundo em ebulição, Tortozendo fala claro — «Procurarei continuar». E, não há dúvida, a carta o diz sem rodeios: outros e outros serão vacinados. Bendita vacina! Assim todos se resolvam a pegar na agulha. E, em vez de 50.000, dobraríamos a parada.

● DESCULPAI OS MEUS ERROS

A devota seguinte dá lição de Humildade:

Campanha de assinaturas

«Meus queridos Gaiatos.

«desculpai os meus erros não sei escrever para vos dizêr que arranjei três assinaturas para vós à já bastante tempo mas infelizmente só agora iscrevo istava à ispera de vêr se vos pagava a minha asinatura que é de... tendes de ter um bocado de paciencia que eu em breve tudo pagarei as asinaturas eu tive vergonha de pedir o dinheiro para pagar um ano mas podeis confiar que é gente boa melhor que eu i no fim do ano ai irá têr o dinheiro...»

Quando as palavras são retrato d'alma, que importa a gramática, «os meus erros»?! Ainda que isso doa — e dói muito com certeza... — aos ilustres filólogos. O certo, porém, é que a gramática das almas nem sempre joga com as regras estabelecidas. Daí a preocupação constante de Pai Américo — «Eu quero ser do povo, falar a língua do povo.»

● PERSISTÊNCIA

O Porto não desanima. Quer ir na frente! Ai vai um dos tripeiros presentes durante a quinzena:

«... Este senhor só paga no fim do ano. Eu encarrego-me de receber.

«Desta vez a lista vai muito pobrezinha, mas foi o que se pôde arranjar.

«P. S. — Tenho assinantes que só podem dar 20\$00 pela assinatura do Jornal. Eu mesmo lhes digo que o Jornal não tem preço. Posso aceitar estes novos assinantes?...»

Pode, sim senhor. E está a dar no vintel: «o Jornal não tem preço». Interessam Leitores (com L de caixa alta), que o resto vem por acréscimo. Muito oportuna a sua intervenção!

● MAIS PERSISTÊNCIA — DA ÁFRICA DO SUL

Os portugueses espalhados pelo mundo, estão perto de nós pelo coração!

«A Obra que tanto amamos: «Os nossos cumprimentos e desejo de felicidades.

«Junto enviamos nomes e direcções de novos assinantes do «Famoso»...

«Enviamos também uma pequena ajuda para os mais necessitados.

«O dinheiro destes novos assinantes (7), mandaremos logo que chegemos os primeiros jornais. Alguns queriam pagar já, mas como tínhamos o chequezito arranjado, é preferível juntar depois o outro que se vá arranjar.

«Gostaríamos de mandar muitos mais nomes; sempre que consiga mais enviaremos.

«Com sinceros cumprimentos, esperamos que nos lembrem nas vossas orações.

«Sempre amigos,

Eduardo e Fernanda».

É um Casal de Benoni. Ele e ela de mãos dadas. Que beleza!

A procissão leva já muitos pares. E hão-de aparecer mais e mais. Todos a trabalhar em unísono. Maior riqueza!

● RESUMO DA QUINZENA

Avelino deu nota de que chegaram durante a quinzena 42 novos leitores. Que bom! E mais: qu: estamos nos 1.500, desde que iniciámos a nova arrancada. Melhor ainda!

Além do que já registámos, temos boas notícias do Bombaral com três assinantes. De Gaia, várias presenças. De Setúbal idem. E a caminhar a passos largos, pela mão do Padre Aclio. Cuidadoso: pois não deixa juntar os caminheiros! Chegados ao lugar passa logo indicações. E o calor não arrefece. Assim, sim!

Do Porto e Lisboa notícias escaldantes. E muito agradáveis. O mesmo de Anta (Espinho), Matosinhos, Fânzeres (Gondomar), Santo Tirso e Covilhã.

Ficamos, hoje, no tecto de Portugal! E já avistamos, ao longe, quantos ainda se não resolveram a marchar, preocupados com a dureza do trabalho. Estão a arregaçar as mangas. Não tardam, porém, a lançar as redes!

Aguardamos a colheita.

Júlio Mendes

AGORA

Ora vamos lá a concluir a derradeira saída da Procissão. Hoje é a vez dos de todos os meses mai-los das Casas a prestações. Eis os primeiros:

Abre Carolina, do Porto, com este recado ao Júlio: «Já devem ter em V. poder um vale de 1.200\$00. Era meu costume enviar mensalmente 100\$, não tive oportunidade e assim já fico este ano livre do compromisso comigo mesma.

Que as benções do Senhor estejam sempre com todos vós e com duas filhinhas que tenho.»

Quem assim une na mesma prece «todos vós» e «duas filhinhas», não pode deixar de nos amar muito profunda e sinceramente. Portanto entenda-se que o «assim já fico este ano livre», não se trata de uma desarrisca que a dispense de continuar a lembrar-nos e à nossa causa ao longo do ano, mas tão somente o prudente aproveitar de uma oportunidade... não vá surgir algo de inesperado e de impeditivo!

Segue a Odete, de Leiria, com as «suas quotas» de Dezembro a Março findos. Logo a Alda do Ribatejo com os 70\$ costumados.

«Relativo ao mês de Maio, 100\$ por alma de meu marido e 50\$00 duma promessa». Há quantos meses aqui vem dar esta legenda!

Os 20\$00 mensais da Mãe do Rui, mai-la esmola da Missa por alma do filho.

Da Maria, de Ois da Ribeira, 4 presenças de 100\$. Três ditas de igual quantia de Berta

e Jorge. Outras tantas de metade da R. Alexandre Herculano — Lisboa.

A Maria do «Pequeno Louvre» nunca falta. Não sei se tem férias no seu trabalho. Aqui, nunca as teve.

De D. Bertha, amiga das primeiras horas, 20\$00 mais outrotanto pró Calvário.

«A habitual prestação do assinante 6790». E a presença certa do «Major do silêncio», mais esta notícia, nas notícias de Maio. «Assisti ao espectáculo no Monumental e gostei muito. Boa casa e muito boa gente. Os Banqueiros e Banqueiras estavam na canasta..., mas com o pensamento na Obra».

Fecha este guião, a Mary, de Vilar de Andorinho, com o ano todo de 1969 a 20\$00 por mês.

Vem agora aí o estandarte das Casas a prestações.

Quatro delas, de 500\$00 (Fica na 13.ª) para a Casa José Carlos. Mais 3 de 1.500\$ para a Casa Vinda, 13.º mistério do Rosário das ditas.

Cruz, da Beira, nunca falta. Com mais ou com menos comparece sempre. E agora que tem lá mais nas vizinhanças a Casa de Lourenço Marques — também P.e Zé Maria pode dizer o mesmo.

Duas presenças de 1.000\$ de M. M. - A. L.. Outra de 200\$ para as Casas das 3 Marias e Rosarinho.

Ora participem lá desta declaração de amor da Maria Ana e do Pedro:

«Depois duma longa ausência, motivada por doença, cá estamos com mais uma pedrinha de 500\$ para a Casa do Espírito Santo. Agora que pensámos mandar mais amlúde, a minha doença e uma operação, estragaram os nossos cálculos! Mas se Deus quiser, havemos de chegar ao fim. Lembranças aos nossos rapazes. Cada vez, amamos mais a «nossa» obra!»

Que felizes nós somos! O Senhor nos conceda o dom da correspondência.

Outro testemunho de alma. «Bem-aventurados os Humildes, porque verão a Deus!»

«Em vale postal envio dois mil escudos, primeira prestação para uma casa do Património dos Pobres. Eu não sei quanto custa a casinha mas o meu padre terá a bondade de me informar.

Já há muito tempo que tinha desejos de fazer isto e podia fazê-lo, mas o meu egoísmo não me deixava realizar. Apesar de saber que o que tenho devo-o a Deus, pecava também por falta de confiança em Deus. Pecava e ainda peço e se eu não fizer um esforço para vencer este egoísmo, continuarei a pecar. Que Deus me perdoe. Aproveitei agora um aumento de ordenado para satisfazer aquele anseio de ser útil a alguém que precise.

O meu nome não vale nada e assim agradecia o anonimato.»

E, posteriormente, vieram ainda mais 2.000\$00.

De Coimbra, mais três «aref-nhas de amor».

A Casa de Santa Terezinha fica em 35.000\$ com a achega de mais 4.000\$00 recebida em fins de Junho.

E agora dois desabafos semelhantes de almas semelhantemente grandes:

O casal-assinante 28562:

«Com a preocupação de mudança de residência no fim do ano lectivo e com o desejo de conseguir comprar um andar para a nossa habitação, temos descurado as remessas das nossas prestações para o Património. Enviamos agora as do 1.º semestre. Passamos assim do n.º 203.º, relativo a Dezembro de 69, para o n.º 209.º, relativo a Junho de 1970.

Pedimos ponha nas suas orações a nossa aspiração de vermos pròximamente satisfeita a necessidade de termos casa nossa no Porto.

E o «Romeiro do Porto»:

«Aqui mesmo escrevo para lhe deixar a 5.ª pedra para a Casa Sagrada Família (um simples símbolo, pois que o dinheiro tem de girar).

Desta vez faço um voto, ou melhor, dois:

Um, o de poder concluir a cobertura da casa acima referida e se Deus fôr servido a «vestir». O outro, o pedido de uma prece para que eu também consiga a minha, pois já concorri a um andar para ver se abrigo os meus 5 bicos, fora os ascendentes.

Será minha (o andar) daqui a 20 anos se o «número sair premiados».

Dá uma ajudinha?!»

E... graças a Deus!



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Começaram as praias.

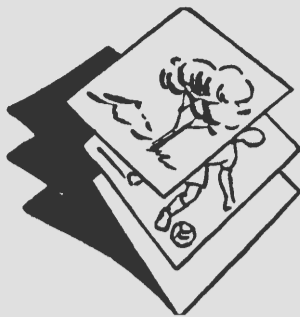
O 1.º turno, porque do arranque, porque oportunidade de alguma luz sobre a almejada resposta à interrogação de cada um: — «Quando é que eu vou?» — tem todos os anos um certo sabor de «suspense». Depois, há os preparativos: ver o que falta na casa, o que é preciso levar ou comprar, reunir os géneros de paparoça... E toca a carregar tudo na nossa furgoneta, que nem por ser alcunhada de «o carro do talho» é suficientemente grande em tais dias.

Tudo arrumado, Carlitos lembra: — Só falta uma coisa: levarmos uma vaca.

«Cavaquinho», assistente à lembrança, ou porque tivesse sido mandado, ou porque tomou a iniciativa, dispara direito à vacaria a buscar uma vaca.

Snr. Silva, o vaqueiro-mor, todo se arrepiava de zelo: — Uma vaca?!... Só a dou se o Sr. P.e Carlos der licença.

«Cavaquinho» regressa vencido, mas não convencido. Pretende ainda obter a minha ordem para que a vaca siga... E sem dar fé até ao fim do gozo da malta, resigna-se a ver partir a carrinha superlotada, sim... mas sem a vaca.



VISTAS DE DENTRO

X X X

«Cavaquinho» é de S. Martinho do Porto. Por isso que filho de peixe... sabe nadar. É dos campeões de salto pró tanque que arreda e arredará de piscina até que a projectada, desejada e já principiada seja praticável.

Para atravessar o tanque de lado a lado debaixo de água não há como ele! Só se fôr o «Barba-na-Testa», que é de Setúbal!...

Agora o que eu não sabia era da classe de trepador que também possui amigo «Cavaquinho». Foi há dias a revelação, justamente no dia de S. Pedro. Preparava-se a noitada de fogo, de «bichas» e estalinhos. Santos Silva, agora a terminar as férias dos 10 dias que precedem sua próxima par-

tida para Moçambique, dirigia as operações de decoração do largo fronteiro à Capela, Escolas e Casa-mãe. Era preciso prender um arco de papelinhos coloridos no cimo do cruzeiro. Não havia escada... «Como há-de ser?...» — percebia-se da pausa em que todos os festeiros tinham caído. Pois mestre «Cavaquinho», num pronto, salvou a situação. Salta sobre a base do cruzeiro, trepa por ele acima e faz equilíbrios sobre o topo da Cruz para prender a corda enfiada. E prendeu mesmo. E voltou ao chão com a facilidade da subida.

Ora quem tal havia de dizer do franzinelas do «Cavaquinho»?!

X X X

«Zé das Iscas» é célebre cá no sítio. Pr'ás fazer... — não há como ele. Amigo da boavidia... — um ás! Em fugas — um campeão. Nesta hora mesma em que escrevo ele anda por lá... Talvez prá terra cuja festa é nestes dias e para a qual teve convite da mãe.

Por acaso, por parecer conjunto meu e do nosso maioral, estávamos para dizer sim, afim de estimular... Mas ele bem sabia que por merecimento não iria lá... E vai daí, certamente, pôs-se a caminho. Que peta terá pregado à mãe é que não sei... O pior vai ser no regresso...

X X X

«Sobrinho do Quim» não é por ser pequeno que pode desconfiar de tuberculose. Com seus 16 anos está-me a passar em altura. E a bigodaça reclama corte semanal.

Pois foi à terra este fim de semana. É lá a Festa e a Mãe escreveu-me a pedir. Ele acabou agora o 1.º ano da Telescola e tem cumprido. Achei justo e deixei-o.

Mas ele tinha um pedido mais a fazer:

— Deixa-me vir só 2.ª feira à tarde?

— Oh rapaz, mas 2.º é dia de trabalho... A tarde de sábado e o domingo todo não te chegam?

— Posso guardar um segredo, não posso? — retorquiu ele.

— Acho que sim.

— Então deixe-me vir 2.ª feira e guardar segredo do porquê.

— ...!! Mas achas que posso mesmo aceitar o «negócio», sem compromisso da minha consciência?

— Pode!

Vamos a ver como me saio...

X X X

A copa é lugar de muita desordem e barulho. Eu já lá tenho passado vários recreios a dirigir as operações com muita «tecnologia». Mas ou as lições são fracas, ou os aprendizes esquecidos... O certo é que a desordem e o barulho continuam a reinar.

Um dia destes passava no pátio por detrás da Casa-mãe. Ouvia falar no meu nome. Era uma acalorada discussão. Parei para me inteirar. Não cheguei a apurar quem era o outro. Apenas descobri que o assunto era televisão e que o «Vintém» proclamava a quem quisesse ouvir:

— O Sr. Padre Carlos não manda nisso. Quem manda é o Manuel António.

Ora vejam os senhores, como eu, que me julgava o «pai de família» sem limites de domínio, fui desclassificado pelo «Vintém» em favor do Chefe-maioral!

Visado pela

Comissão de Censura

FILHOS ILEGITIMOS

Cont. da PRIMEIRA página

b-1) Não contesta — e é condenado «de preceito». Certidão para o Registo Civil.

b-2) Contesta, e a acção vai a julgamento dos juizes do Colectivo que, evidentemente, podem dar ou não dar como provada a paternidade.

Na primeira hipótese, certidão para o Registo Civil e pagamento das custas por banda do réu (as mães dos menores nunca pagam nada).»

A estas informações o nosso correspondente acrescenta esclarecimentos interessantes, que dizem já respeito à aplicação da lei:

«— O número de perfilhações voluntárias (ao primeiro chamamento do pai) é bastante elevado em relação ao total dos processos.

— Anda à roda de 30% o número de averiguações officiosas em que o tribunal de menores não consegue obter provas para ser proposta a acção no tribunal comum.

— O número de acções contestadas (na fase do tribunal comum) é muito pequeno.

— As acções julgadas impropriedades (tribunal comum) são raras.

— A tramitação do primeiro processo é muito simples e relativamente rápida.

— Há a considerar as excepções. As vezes o apuramento da verdade requer diligências para localização de pessoas, repetição de declarações, expedição de deprecadas para o Ultramar (de cumprimento sempre demorado) etc.

— A tramitação do segundo processo também não é demorada — a não ser que o réu conteste».

Alegramo-nos com estas notícias a respeito do sistema de averiguação que «não se pode declarar perfeito, mas, com o decorrer do tempo certamente se aperfeiçoará tanto quanto possível.»

Oxalá assim seja: o legislador não adormeça sobre louros conquistados e a lei encontre pelo país em fora quem a aplique com alma e com a salutar insatisfação dos que se não estabilizam sobre realidades só relativamente perfeitas. «A excepção importância de que se revestem estes processos, assim o exige».

Cont. da PRIMEIRA página

As crianças são muitas vezes, mais vítimas da ignorância dos pais e dos educadores do que propriamente da sua maldade ou do seu desinteresse. As inteligências esclarecidas, se não falta boa vontade, são meio caminho andado em ordem a uma correcta maneira de proceder. Tudo que se faça nesse sentido nunca será demasiado. Um bebé acabado de nascer representa um valor inestimável, credor de todos os cuidados. Aos indivíduos, a começar pelos pais e familiares, ao Estado e aos vários tipos de instituições afins, cabe criar condições materiais e morais propícios ao desabrochar e amadurecimento dos novos seres. Depois haverá lugar ao procedimento particular e concreto, conforme as exigências de cada caso, sem fórmulas estereotipadas ou receitas livrescas, como alguns parecem supor, mas em que o bom senso deve prevalecer.

Há muito boa gente que dita antes do próprio nascimento dum filho, a maneira como vai proceder, esquecendo que irá tratar com uma pessoa humana, individual, diferente de todos os outros seres humanos. Ora,



se é certo que o homem é a criatura que à nascença se encontra mais dependente do ambiente e dos outros, não podemos olvidar, e até por isso, que requer mais do que qualquer animal, um agir particular, em função da sua condição de pessoa. Educar é exemplificar, é canalizar características favoráveis e corrigir desvios, no respeito pela personalidade própria dos sujeitos da educação, que nem o Criador quis violentar. Amestramento é arte de domar os brutos ou de obter animais de circo e que, infelizmente, ainda se vê muitas vezes aplicar a seres humanos, com o seu triste cortejo de recalamentos e de concomitantes frustrações ou vazios. Nesta matéria muito haveria a dizer ou a elucidar, para lá do subjectivismo inerente a cada situação.

Estas palavras desgarradas traduzem um estado de espírito de certo modo angustiado mas não isento da esperança de melhores dias. Revelam a angústia de ver tantos jovens

crescendo à margem das preocupações dos pais e educadores, quer pela ignorância culpada ou não destes, quer pelo abandono tácito ou real a que votam seus filhos ou educandos. Representam uma esperança de melhores dias porque não se desvaneceu em nós a confiança que depositamos nos Valores autênticos quando incarnados nas estruturas humanas, quer se trate das pessoas singulares ou colectivas, como as famílias ou a sociedade nos seus variados órgãos. Finalmente, tudo o que em desconexão deixamos exposto, representa uma preocupação premente de dar àqueles que nos estão confiados, o melhor do interesse e da dedicação possíveis, prevenindo os homens, nossos irmãos das responsabilidades que contraem ao endossar-nos as vítimas inocentes dos seus esquecimentos ou desvarios, já que ao fim e ao cabo as Casas do Gaiato são apenas remedeio.

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE